



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

**RAYANNE ANDRADE ARAÚJO**

**SOCIABILIDADE E RESISTÊNCIA ÉTNICO-RACIAIS: ESTUDO DE CASO NA  
COMUNIDADE DA ABISSÍNIA, NO MUNICÍPIO DE BOA VISTA-PB**

**CAMPINA GRANDE**

**2014**

**RAYANNE ANDRADE ARAÚJO**

**SOCIABILIDADE E RESISTÊNCIA ÉTNICO-RACIAIS: ESTUDO DE CASO NA  
COMUNIDADE DA ABISSÍNIA, NO MUNICÍPIO DE BOA VISTA-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Graduação em Serviço Social da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do  
grau de Bacharel em Serviço Social.

Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis Batista

CAMPINA GRANDE  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa quanto a forma eletrônica. Sua produção total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A663s Araújo, Rayanne Andrade.  
Sociabilidade e resistência étnico-raciais [manuscrito] : estudo de caso na Comunidade da Abissínia, no município de Boa Vista-PB / Rayanne Andrade Araújo. – 2014.  
24 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2014.

“Orientação: Prof. Dr. Francisco de Assis Batista, Departamento de Serviço Social”.

1. Serviço Social. 2. Sociabilidade. 3. Memória. I. Título.

21. ed. CDD 361

RAYANNE ANDRADE ARAÚJO

**SOCIABILIDADE E RESISTÊNCIA ÉTNICO-RACIAIS: ESTUDO DE CASO NA  
COMUNIDADE DA ABISSÍNIA, NO MUNICÍPIO DE BOA VISTA-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Graduação em Serviço Social da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do  
grau de Bacharel em Serviço Social.

Aprovada em 02 de outubro de 2014.



Prof. Dr. Francisco de Assis Batista / UEPB

Orientador



Prof. Ma. Patrícia Crispim Moreira / UEPB

Examinadora



Prof. Dr. Jomar Ricardo da Silva / UEPB

Examinador

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer ao meu pai Jonas Antônio Araújo, a quem devo tudo o que eu sou hoje, que mesmo não estando presente fisicamente em minha vida, me dava forças todos os dias para prosseguir. Neste momento penso o quanto ele estaria orgulhoso em ver sua “Princesinha” uma mulher formada. Meus eternos agradecimentos e eternas saudades.

À minha mãe Maria de Fátima Andrade Araújo pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Aos meus irmãos Robson Luís, Robério, Rodrigo Otávio e Raquel, que nos momentos de minha ausência dedicados ao estudo sempre me incentivaram e apoiaram por saberem que o futuro é feito a partir da dedicação no presente.

Aos meus sobrinhos, por quem tenho um amor indescritível, Leonardo, Raif, Raissa, Brenna, Madyson, Yuri, Liza, Ícaro e Clarice pelas enormes demonstrações de afeto e me fazerem sentir orgulhosa e amada.

Ao meu companheiro Yale Moreira pelo amor e compreensão que me dedicou durante esta jornada, agradecer o apoio emocional e psicológico que me deu em todas as crises existenciais e situações de estresse que o Serviço Social me proporcionou, e não foram poucas.

Aos meus professores por me proporcionarem não apenas o conhecimento, mas mostrar-me quão valiosa pode ser a relação professor-aluno, costumo dizer que, além de muitos professores maravilhosos, também conquistei amigos, que se preocupavam se eu estava bem, que sentiam minha falta quando não estava presente em sala de aula e que realmente se importavam se estava com algum problema pessoal, profissional, de saúde. Vocês me mostraram que a relação professor-aluno não precisa ser seca ou algo distante para que se haja respeito entre ambos.

Agradecer especialmente ao professor Eduardo Jorge Santos, que tem uma humildade fora do comum, e que costumo dizer que é a pessoa mais inteligente que já conheci na vida, quero estudar muito ainda para poder me aproximar um pouco do seu aporte teórico. Despertou em mim uma paixão pela Sociologia, área afim do Serviço Social que não pretendo me afastar nunca e a qual se encaixa este Trabalho de Conclusão de Curso.

Também especialmente, ao professor Francisco de Assis Batista, meu querido orientador de monitoria, Iniciação Científica e também deste trabalho. Agradecer a dedicação, o comprometimento, a paciência e a compreensão de sempre.

À minha querida e amada professora Moema Amélia Serpa a quem dedico profunda admiração, que me acompanhou durante três anos desta formação, agradecer pelas oportunidades e confiança que em mim depositou.

À professora Patrícia Crispim, que para mim é um exemplo de mulher, de filha, de mãe, exemplo de sensibilidade e amor ao próximo. E, ao professor Jomar Ricardo que aceitaram de bom grado participar da banca examinadora e contribuírem para o melhoramento deste trabalho.

Aos meus colegas de classe, pelo companheirismo, amizade, sorrisos, abraços...

E a todos que de alguma forma contribuíram, de alguma maneira, para que esta etapa da minha vida fosse concluída.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO .....</b>	<b>5</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>6</b>
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>9</b>
<b>4 PROCESSO HISTÓRICO DA ESCRAVIDÃO NA PARAÍBA .....</b>	<b>11</b>
<b>5 A RECIPROCIDADE COMO FORMA DE SOCIABILIDADE NA COMUNIDADE DA ABISSÍNIA .....</b>	<b>14</b>
<b>6 CARNAVAL COMO UM ESPAÇO DE RESISTÊNCIA AO PRECONCEITO RACIAL .....</b>	<b>17</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>21</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>23</b>

## **SOCIABILIDADE E RESISTÊNCIA ÉTNICO-RACIAIS: ESTUDO DE CASO NA COMUNIDADE DA ABISSÍNIA, NO MUNICÍPIO DE BOA VISTA-PB**

Rayanne Andrade Araújo<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo é resultado da pesquisa de iniciação científica, intitulada “O Exercício da Sociabilidade dos Escravos na Comunidade da Abissínia, a partir da Memória de seus Descendentes”. Comunidade esta, remanescente de escravos, no município de Boa Vista – PB. Temos como objetivo, analisar como se davam as formas de preconceito e discriminação a que estavam submetidas às pessoas afro-brasileiras daquela comunidade e as formas de resistência por elas exercitadas. O procedimento da pesquisa foi desenvolvido a partir de uma perspectiva qualitativa, em que se analisou, através de entrevistas, e do resgate da memória, as formas de sociabilidades, buscando entender como os moradores mais antigos da comunidade vivenciaram e enfrentaram essas relações. As entrevistas nos possibilitaram fazer um resgate histórico do processo de formação da comunidade, assim como nos permitiram identificar os preconceitos que os habitantes daquela comunidade enfrentavam. Considerando a problemática em questão, tendo por centralidade as relações sociais, sejam de dominação ou de resistência, utilizamos um referencial teórico situado no campo da Sociologia e da História. Sabe-se que a história, durante muito tempo, foi caracterizada como elitista, deixando à margem de seus estudos as minorias étnico-raciais. Entretanto, os resultados produzidos nos permitem enfatizar o reconhecimento de que mulheres e homens escravizados são sujeitos protagonistas da história, pois, mesmo diante da violência do contexto de dominação em que se encontravam, não foram passivos, desenvolveram uma lógica de sobrevivência, traduzindo-se em formas de sociabilidades e ações diversas de resistência, exercitadas no cotidiano, bem como de reciprocidade.

**Palavras-Chave:** Memória. Dominação. Resistência Cotidiana. Reciprocidade.

### **1 INTRODUÇÃO**

A temática da escravidão no Cariri paraibano seja no aspecto cultural, social ou econômico ainda se constitui como um desafio, pois, relativamente comparada a outras áreas do Estado, pouco se fez nesta perspectiva, salvo raras incursões, em que a escravidão no Cariri e no Sertão é apresentada mais notadamente em termo de demonstrar as estatísticas da existência dos escravos, em relação à população. Por isso, carece um estudo das formas de

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Serviço Social pela Universidade Estadual da Paraíba. Aluna de Iniciação Científica das cotas 2011-2012, 2012-2013 e 2013-2014. E-mail: [rayannearaujo@hotmail.com](mailto:rayannearaujo@hotmail.com)

resistência à escravidão, suas formas de sociabilidade, enfim do seu cotidiano para além dos dados quantitativos.

Por essa razão, com as entrevistas realizadas na comunidade Abissínia, comunidade afrodescendente, localizada no município de Boa Vista-PB, foi possível analisar como se davam as formas de preconceito e discriminação<sup>2</sup> a que estavam submetidas as pessoas daquela comunidade e as formas de resistência por elas exercitadas, procurando observar também traços culturais com os seus descendentes, que ainda permanecem até os dias atuais e aqueles que se perderam ao longo do tempo, seja por influência da cultura branca ou pelo próprio esquecimento dos moradores.

Foi possível resgatar também elementos significativos que contribuíram para a sobrevivência do grupo, a exemplo das formas de sociabilidade e de cooperação, observando como esta se desenvolveu ao passar dos séculos, como ela era desenvolvida logo após a Abolição (1888) e ainda na atualidade.

Como fontes teóricas, foram selecionados textos para o desenvolvimento da pesquisa, baseados nas obras de Halbwachs, James Scott e Marcel Mauss, possibilitando a análise da realidade em questão.

Este artigo é resultado do Projeto de Iniciação Científica intitulado *O Exercício de Sociabilidade dos Escravos na Comunidade da Abissínia, a partir da Memória de seus Descendentes*.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A história, durante muito tempo, foi caracterizada como elitista, uma vez que se preocupou em estudar, apenas, os “grandes acontecimentos”, deixando à margem deste estudo, mulheres, negros, homossexuais, dentre todas as minorias étnico raciais, priorizando apenas os grandes heróis nacionais. A esta história damos o nome de História Metódica, difundida pelo alemão Leopold Von Ranke no século XIX.

---

<sup>2</sup> É importante destacarmos que nos referimos à discriminação como um fenômeno sociológico. Uma atitude discriminatória resulta na destruição ou comprometimento dos direitos fundamentais do ser humano, prejudicando um indivíduo no seu contexto social, cultural, político ou econômico. A discriminação resulta de um preconceito, sendo o preconceito apenas um estímulo mental, já a discriminação é a concretização do mesmo. A discriminação racial é uma das formas mais frequentes, consiste no ato de diferenciar, excluir e restringir uma pessoa com base na sua cor, raça, ascendência ou etnia (ABREU, 1999).

Com o passar do tempo, novas correntes historiográficas surgiram e no século XX temos a ascensão da Escola dos Anales, a mesma que vai ampliar o significado do termo documento, onde este agora passa a ser escrito, falado e fotografado, assim, a história oral que antes não era aceita pelos metódicos, agora passa a ser válida, na medida em que se percebe que comportamentos, valores e emoções permanecem escondidas em dados estatísticos. De acordo com Queiroz (1987 apud GONÇALVES; LISBOA, 2007, p. 85), “[...] o relato oral tem sido, através dos séculos, a maior fonte humana de conservação e difusão do saber, ou seja, a maior fonte de dados para a ciência em geral; a palavra antecede o desenho e a escrita”.

A partir deste aporte metodológico é possível analisar os relatos orais, o surgimento e os aspectos de sociabilidade dos negros da Comunidade da Abissínia, comunidade esta remanescente de escravos, atualmente um bairro do município de Boa Vista, no estado da Paraíba.

A historiografia paraibana a respeito da escravidão nestas duas últimas décadas está adquirindo uma nova roupagem, pautada na história social e cultural; agora ela dá uma nova abordagem ao estudo do negro, onde mulheres e homens que foram escravizados passam a serem vistos como sujeitos que produzem e são produtos da história, pois mesmo com a violência do sistema desenvolveram uma lógica de sobrevivência e resistência.

Desta forma, é preciso deixar evidente o conceito de memória e oralidade para entendermos a construção da história dos moradores da Abissínia, a partir de seus relatos. De acordo com Emilia Pietrafesa de Godoi (1999, p. 109-110), tradição oral,

[...] é empregado no seu sentido etimológico, derivado do latim *traditio*. O verbo é *tradire* e significa principalmente entregar. Certos estudiosos referem-se à relação do verbo *tradire* com o conhecimento oral ou escrito. Assim, através do elemento dito ou escrito algo é entregue, passado de geração a geração.

Assim Halbwachs (1990), um dos pioneiros a trabalhar com a questão da memória no campo das ciências sociais, sociólogo durkheimiano, nos anos 1950 escreveu o livro *A Memória Coletiva*, onde afirma que a memória individual está sempre ligada à memória coletiva, uma vez que as lembranças são todas pertencentes a um grupo. Desta forma, a memória individual é ponto de vista sobre a memória coletiva. Assim, podemos dizer que a memória tem a propriedade de conservar certas informações ao passar do tempo.

A partir da memória torna-se possível a análise da história oral recobrando, para as novas gerações, um passado que a sociedade contemporânea tende a esquecer e abolir, uma vez que estas gerações estão engajadas em viver um presente ininterrupto. Mas, é importante

documentar as relações existentes no passado, pois o tempo presente mantém relação intrínseca com o tempo passado. Segundo Gonçalves (1999, p. 25):

[...] a palavra memória denomina tanto: a) o mecanismo de lembrança e esquecimento do tempo vivido pelos indivíduos e pela sociedade; quanto b) a existência objetiva da experiência dos grupos, através do tempo, objetividade essa expressa nos monumentos, documentos e relatos de sua história.

Recorrer à memória através da tradição oral pode ser um método extremamente conveniente, na medida em que revela as maneiras de ver o mundo dos atores sociais comuns, elevando à mesma importância atribuída às estruturas e aos lugares onde elas se desenvolvem, evidenciando, desta forma, a sua íntima vinculação. A memória é eminentemente social e tem no passado vivido um dos seus suportes.

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número possível de seus membros e que resultam, quer de sua própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos, mais frequentemente em contato com ele (HALBWACHS, 1990, p. 45).

Utilizando os relatos oriundos da memória dos habitantes da Abissínia, tornou-se possível descrever aspectos da história dos negros desta comunidade, localizada no município de Boa Vista, Paraíba, analisando os seus bens e valores culturais no sentido de recuperar a história das minorias étnico-raciais e excluídos da história oficial, apresentando as características sociais que ainda permanecem na comunidade, presentes nas relações dos afro-brasileiros ou que foram modificadas mediante as transformações sociais.

Utilizamos o conceito de resistência cotidiana proposto por James Scott (1985) a partir de uma experiência vivida, durante dois anos, entre os camponeses da Malásia, procurando analisar as práticas cotidianas de resistência.

Assim, podemos perceber que, diferente dos movimentos sociais que utilizam uma resistência coletiva, pública, ativa e organizada, James Scott percebe formas de resistências mais individuais, ocultas e menos organizadas que vão desde fazer corpo mole, dissimulações, furtos, simulações e fugas utilizadas pela classe oprimida com o intuito de burlar o sistema em que estavam inseridos.

Para compreender o exercício de sociabilidade existente na comunidade é importante, também, salientar as relações de reciprocidade existentes entre os indivíduos. Nesta perspectiva tomamos como referência a teoria desenvolvida pelo sociólogo e antropólogo francês Marcel Mauss (2003), considerado o “pai” da etnologia francesa. Em sua obra principal, *O Ensaio sobre a Dádiva*, afirma que a relação entre dar, receber e retribuir produz a aliança, tanto as alianças matrimoniais como as políticas (trocas entre chefes ou diferentes camadas sociais), religiosas (como nos sacrifícios, entendidos como um modo de relacionamento com os deuses), econômicas, jurídicas e diplomáticas (incluindo-se aqui as relações pessoais de hospitalidade).

Para Mauss (2003), a dádiva é fundamento de toda sociabilidade e comunicação humanas, assim como sua presença e sua diferente institucionalização em várias sociedades analisadas, capitalistas e não capitalistas.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A metodologia utilizada se baseou no tipo pesquisa qualitativa. Nas ciências sociais a pesquisa qualitativa assume diferentes significados e tem sido resgatada, por se considerar que ela engloba uma relação inseparável entre o pensamento e a base material, entre a ação de homens e mulheres enquanto sujeitos históricos e as determinações que os condicionam, entre o mundo objetivo e a subjetividade dos sujeitos pesquisados. Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um complexo de significados.

De acordo com Gonçalves e Lisboa (2007, p. 84), as metodologias qualitativas

Também são indispensáveis para compreender fenômenos que se manifestam em longos intervalos de tempo – como o caso de trajetórias de mobilidade social ou mudanças geracionais – ou ainda manifestações sociais que, por sua abrangência, exigem a coleta exaustiva de dados padronizados. Além disso, desempenham importante papel na elaboração de hipóteses e construção de novas teorias.

Segundo Neves (1996), a pesquisa qualitativa tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação.

Na maioria das vezes a pesquisa é realizada no local de origem dos dados; não impedem o pesquisador de empregar a lógica do empirismo científico, mas partem da suposição de que seja mais apropriado empregar a perspectiva de análise fenomenológica, quando se trata de fenômenos singulares e dotados de certo grau de ambiguidade (NEVES, 1996, p. 1).

Sem adotarmos uma metodologia compatível com o campo da Antropologia e da História, que supere a repetição mecânica dos conceitos e a leitura de textos ficcionais não é possível o desenvolvimento de uma postura crítica perante este objeto de estudo.

A partir destas reflexões elenca-se como procedimentos metodológicos, o trabalho com uma bibliografia específica de historiadores e cientistas sociais que apontam para confluência do discurso oral e social, bem como, as que permitem uma releitura do cotidiano, vivências coletivas e individuais através da história oral.

Em um segundo momento, foram realizadas entrevistas com os moradores afro-brasileiros mais velhos da comunidade sobre suas vivências, costumes e memórias de seus antepassados. Isto nos possibilitou a concretização de um estudo interdisciplinar, realizado na comunidade da Abissínia, município de Boa Vista-PB que se trata de um “reduto” de maior concentração de afro-brasileiros nesta localidade.

Quanto ao levantamento das obras podemos destacar quatro de fundamental importância: sendo três de teoria e uma de pesquisa bibliográfica sobre a cidade de Boa Vista na qual a comunidade da Abissínia está localizada.

A obra *Bôa Vista de Santa Rosa: de Fazenda a Municipalidade* que foi escrita por Francisco de Assis Ouriques Soares, publicada em 2003 pela EPIGRAF, retrata a história do município de Boa Vista desde a sua fundação até a sua emancipação, nela podemos encontrar dois capítulos destinados a história da comunidade dos moradores da Abissínia na qual foram analisados e questionados sobre certos aspectos.

Uma vez finalizado o primeiro momento de pesquisa bibliográfica foram realizadas entrevistas semiestruturadas, que se aproximam muito de uma conversação, tendo em vista a flexibilidade e adaptabilidade das perguntas que podem ser abertas e fechadas. Este tipo de entrevista pode ser ajustado tanto ao indivíduo quanto às circunstâncias e o entrevistador deve guiar a discussão para o assunto que o interessa, fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a retomar o contexto da entrevista. É muito usado quando se deseja delimitar o número de informações, permanecer no tema e alcançar os objetivos propostos.

Foram realizadas oito entrevistas com os moradores mais antigos da comunidade da Abissínia localizada no município de Boa Vista-PB, dentre eles Dona Coca, 95 anos; Domerina Eugênia, 93 anos; Leonídea Eugênia da Conceição; Jaci Fernandes; Maria Rita Soares Pereira; Raul Gomes da Silva; Dona Joselita; e Capilé. A partir destas entrevistas torna-se possível compreender alguns aspectos daquela localidade que não estão presentes em obras da história oficial.

Conseguimos adquirir as informações necessárias, a partir dos mais diversos fatos singulares descritos pelos indivíduos, pois os mesmos nos detalham determinadas cenas, acontecimentos, etc. que servem para nos auxiliar na compreensão e análise do contexto histórico e social daquela comunidade.

Não poderíamos trabalhar uma comunidade quilombola sem antes fazer um breve histórico sobre a escravidão no estado da Paraíba, onde se encontra o município de Boa Vista.

#### **4 PROCESSO HISTÓRICO DA ESCRAVIDÃO NA PARAÍBA**

Ao longo do tempo, uma historiografia a respeito da escravidão foi sendo elaborada, de forma preconceituosa, pois os historiadores não tratavam os negros como sujeitos da história e sim como coisas, objetos. Somente nas últimas décadas do século XX que esta realidade vem se modificando, já que alguns historiadores vêm fazendo releituras sobre o período escravocrata a fim de desmistificar e corrigir algumas obras existentes a respeito da escravidão no Brasil.

A obra *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre (1933) é considerada um dos clássicos da historiografia brasileira. Mesmo questionada no tocante as relações entre senhores e escravos, sua obra é referência para o estudo da escravidão negra no Brasil. Desta forma, historiadores, antropólogos e sociólogos se utilizam de suas teses para elaborarem suas pesquisas, confirmando ou refutando-as.

Para os marxistas pertencentes à Escola Sociológica Paulista a obra *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre apaga as tensões e as contradições que ocorreram no período escravagista brasileiro, procurando esconder as lutas de classe que se estabeleceram ao longo deste período, ocultando as formas de dominação, de violência e de crueldade do sistema, ignorando também os movimentos sociais na colônia.

No entanto, a história social cultural rompe com a visão patriarcal de Gilberto Freyre, que defende a tese de que a escravidão em terras brasileiras se deu de forma harmônica, se distanciando também dos escritores da escola sociológica paulista que analisam a escravidão como um sistema baseado apenas na violência, procurando mostrar apenas a crueldade do sistema.

Distanciando-se desta perspectiva, os historiadores sociais vão analisar a escravidão a partir de uma nova ótica, tomando como referência a história social cultural porque, ao contrário de Freyre, não mostra os negros como seres passivos. Também não tratam o negro escravizado apenas como um meio de produção, agora a história social dá uma nova abordagem ao estudo do negro, onde mulheres e homens escravizados passam a ser vistos como sujeitos da história pois, mesmo com a violência do sistema, os negros(as) construíram uma lógica de sobrevivência e resistência:

O foco de análise das relações entre senhores e escravos na recente historiografia social da escravidão passou a ser caracterizado tanto por valorizar as relações conflituosas de resistência direta contra o sistema quanto às formas de oposição à escravidão que passavam pela “negociação” cotidiana, contribuindo para a formação de uma relativa autonomia de mulheres e homens escravizados nas relações de trabalho e na vida pessoal (ROCHA, 2009, p. 39).

Quanto à população escrava da Paraíba, podemos perceber de acordo com Galiza (1979), que era mínima se comparada a de Pernambuco. Esta baixa de escravos poderia ser explicada por diversos fatores: a distância dos portos para a compra dos negros, além das constantes epidemias que os assolavam. A pobreza dos fazendeiros da região, juntava-se ao fator que a mão de obra escrava era encarecida na capitania de Pernambuco, impossibilitando assim, os fazendeiros de terem condições econômicas suficientes para comprá-los, tendo em vista que a situação dos proprietários de terra paraibanos era de extrema penúria.

Aqui na Paraíba o trabalho escravo desenvolveu-se de diferentes formas, indo desde a zona açucareira até o desenvolvimento da pecuária, não podendo esquecer que o mesmo também perpassou pelos algodoads.

O trabalho escravo na Paraíba era concentrado onde a atividade produtiva fosse mais constante, no caso do açúcar seria no litoral e, por volta de 1799, os escravizados também eram responsáveis pelo transporte da mercadoria. Na fase da entre safra estes negros eram responsáveis por realizarem as mais diversas atividades que iam desde a fabricação de tijolos

até a construção de fortalezas, vale salientar que as fortalezas localizavam-se no litoral e a fabricação de tijolos no sertão.

Com o aumento do plantio do algodão o governo, em um primeiro momento, teve medo de os fazendeiros deixarem de explorar as outras culturas e passarem a cultivar apenas o algodão, e impôs diversas dificuldades para o cultivo deste produto. Com os engenhos funcionando só com uma pequena parte de seu potencial, os senhores desviaram seus escravos para o cultivo do mesmo.

Com a abertura dos portos no Brasil em 1808 houve uma grande revolução no agreste, no qual o algodão do agreste de Pernambuco e da Paraíba desbancou a produção açucareira.

De acordo com Medeiros (1999), a Freguesia de Pilar<sup>3</sup> foi uma das mais antigas do agreste paraibano na produção do algodão, a média de produção nessa freguesia era de 3.025 quintais isso equivale a 30.38% do que se produzia na Paraíba. Em 1802 a população escrava era de 1.286 escravos enquanto em toda a Paraíba possuía 2.859 escravos e, no mesmo ano entre os produtos exportados não continha nenhum derivado da cana. Estes resultados demográficos mostravam que a maior parte da população escrava paraibana estava concentrada onde a produção de algodão era mais elevada.

Ao estudarmos a história da Paraíba percebemos que no final do século XVII a pecuária começa a povoar o cariri e o sertão, uma vez que o aumento da criação de gado nesta região possibilita uma divisão social do trabalho no interior da colônia que teria a função de exportar bois mansos para o engenho, e carne seca para a região das minas, sendo a criação de gado a única atividade de produção no sertão paraibano.

Segundo Galiza (1979), a ocupação do interior paraibano por Teodósio de Oliveira Ledo propiciou o povoamento (branco) desta região e conseqüentemente a atividade criatória, desenvolvida a partir da pecuária que contava com um número expressivo de escravos nesta área, justamente neste período que podemos perceber a ocupação e o povoamento da Fazenda de Santa Rosa atual município de Boa Vista.

A mesma baseou parte de seus estudos em obras de alguns dos principais historiadores paraibanos que tiveram como linha de pesquisa a escravidão: Irineu Joffily e José Américo de Almeida. O primeiro presenciou a escravidão na zona criatória do interior da capitania/província, mesmo ficando surpreso com a quantidade de escravos encontrados na região de São João do Cariri e de Piancó. No entanto, não considerou a presença africana

---

<sup>3</sup> Pilar é um município brasileiro do estado da Paraíba (Brasil), localizado na microrregião de Sapé. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2010 sua população era estimada em 11.191 habitantes. Área territorial de 102 km<sup>2</sup>.

como importante para a economia da região, pois, de acordo com ele, o nativo realizava melhor as atividades de vaqueiro do que os africanos. Ao contrário de Almeida, que também se surpreendeu com a quantidade de escravos presentes nestas regiões, e tentou explicar este acentuado número de escravos a partir da transferência de negros dos engenhos do brejo para as fazendas criatórias no sertão, já que muitos senhores que tinham engenho em Alagoa Nova possuíam fazendas em São João do Cariri e quando não estava na safra da cana de açúcar os mesmos transferiam seus escravos para as fazendas no interior a fim de cuidarem do gado.

Depois de mencionar o que importantes historiadores paraibanos pensam a este respeito, Galiza coloca que a atividade criatória foi de importância considerável para a ocupação do interior paraibano e que os escravos contribuíram muito para este desenvolvimento, não só cuidando dos animais, mas também, realizando tarefas como a agricultura de subsistência, vaqueiro, sapateiro, alfaiate, ferreiro, cozinheiro, fiandeiro e executando serviços que visavam a subsistência das fazendas.

Após o resgate histórico do processo de escravidão na Paraíba, bem como da ocupação da Fazenda de Santa Rosa, atual município de Boa Vista e a partir das entrevistas realizadas com os moradores da comunidade da Abissínia, pudemos fazer um resgate das formas de sociabilidade exercitadas pelos primeiros moradores daquela comunidade.

## **5 A RECIPROCIDADE COMO FORMA DE SOCIABILIDADE NA COMUNIDADE DA ABISSÍNIA**

A reciprocidade e a cooperação foram formas de sociabilidade percebidas com maior destaque a partir dos depoimentos dos moradores da comunidade da Abissínia, e utilizamos como base teórica, o sociólogo Marcel Mauss.

Para desenvolver sua tese, ele utiliza, metodologicamente falando a análise de um poema, ou seja, tem sua fundamentação apenas em obras literárias, por meio dos escritos do povo da época analisada. O fato de nunca ter realizado pesquisas empíricas o tornou alvo de muitas críticas, tendo em vista que sempre se baseou no que já estava escrito.

De acordo com Mauss (2003), a Dádiva funciona como o fundamento de toda a sociabilidade. A relação entre *dar, receber e retribuir*, que tem um caráter aparentemente voluntário, livre e gratuito, mas que na realidade é, simultaneamente, obrigatório para que se mantenha uma boa relação social. Na comunidade da Abissínia estas relações foram e são muito fortes, seja para firmar as relações de amizade, seja para firmar as de inimizade.

A reciprocidade está presente desde nas trocas de alimentos, objetos, serviços e favores,

[...] o que eles trocam não são exclusivamente bens e riquezas, bens móveis e imóveis, coisas úteis economicamente. São antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, [...] dos quais o mercado é apenas um dos momentos, e nos quais a circulação de riquezas não é senão um dos termos de um contrato bem mais geral e bem mais permanente (MAUSS, 2003. p. 191).

De acordo com alguns dos moradores<sup>4</sup>, os laços familiares e de compadrios eram formados a partir da cooperação existente entre os moradores da comunidade desde os primórdios. Segundo Capilé, morador da comunidade, os moradores da Abissínia tornaram-se na realidade uma grande família graças à ajuda e os laços fraternais gerados a partir das trocas e da reciprocidade.

Inicialmente as famílias sobreviviam basicamente da agricultura, e por se tratar de uma comunidade muito receptiva, onde todos se ajudavam mutuamente, distribuindo as sobras, quem chegava para morar não queriam se mudar, e permanecem até hoje, praticamente as mesmas famílias.

*Lembro que o meu avô dizia que tudo aqui era feito na coletividade, um ajudava o outro quando precisava, se ajudavam nas tarefas da agricultura, quando alguém ficava doente, e toda a vida quando um precisava o outro nunca se negava, por isso todo mundo aqui é amigo até hoje, as famílias acabaram se tornando uma só. Quando não existia um lugar pros negros dançarem, todo mundo ajudou a construir a palhoça, meu avô doou o terreno e cada um foi dando o que podia e construindo juntos este lugar que hoje está destruído (Depoimento de Capilé, em 13/09/14).*

Sempre existiram as trocas, sejam de favores, sejam de bens de consumo e materiais. Essas trocas fortaleceram os laços e os mantiveram unidos. A partir das entrevistas pudemos perceber o quão forte é a relação entre dar-receber-retribuir explicitada por Marcel Mauss (2003), bem como o seu caráter voluntário e ao mesmo tempo obrigatório. Percebemos como este aspecto está presente na memória de Dona Coca, senhora de 93 que já nasceu naquela comunidade, quando lembra dos favores que sua mãe fazia e as formas como estes eram retribuídos.

---

<sup>4</sup> Depoimentos dos moradores concedidos em entrevista para este trabalho de conclusão de curso.

*Minha mãe mesmo tratava de mulher de resguardo, tratava de gente doente, até pra Boqueirão de Coremas ela foi. Ela era conhecida aqui, todo remédio pra dá um purgante numa pessoa era meu caquinho de mãe. Porque ela sabia fazer os remédios e tratar dos doentes, ela era muito procurada. E era tudo de graça, porque o povo dava umas besteiras, não era dinheiro, então era de graça. Como se fosse um favor, agradavam ela, mas não com pagamento. Ela não desprezava ninguém, até enterrou um bocado de tuberculoso. Ela nunca dizia preço, mas presente ou dinheiro eles mandavam, como forma de agradecimento pelo que ela fez. Se dessem ela recebia mas pedir, ela nunca pedia não (Depoimento de Dona Coca, em 13/09/14).*

Além das relações de amizade e compadrio existentes entre os moradores da comunidade, não era raro encontrar estas relações entre os negros mais velhos e alguns brancos ricos da cidade, isto pode ter gerado para alguns escritores da história local a sensação de que a relação entre os brancos e negros se davam de maneira amistosa e livre de discriminação e preconceitos, porém o que acontecia, na realidade era uma troca de favores, que não deixava de lado a dicotomia racial e muito menos os conflitos.

Segundo Dona Coca (Depoimento, em 13/09/2014),

*O pessoal moreno<sup>5</sup>, principalmente os mais velhos, cada qual tinha suas pessoas brancas para punir por eles aí já diziam que não era pra ir ali pra aquela festa, aí a gente respeitava. Aqui tinha muita gente que fazia uma festa, uma coisa e tinha as pessoas escolhidas, pronto, a gente já sabia que ali naquele canto não ia gente morena nem gente pobre porque era festa de rico. Minha mãe era das festas dos ricos porque era só quem sabia fazer comida muita, aí eles tinham que aceitarem ela. Mas nós já sabia, ninguém ia se socar naquela festa, que era festa de branco, aqui tinha isso, era branco para um lado e negro para o outro.*

De acordo com a entrevista de Capilé, alguns brancos até contribuíram com a construção da palhoça, estes eram os que frequentavam o lugar para dançar e também os que pediam para que os negros não fossem para as festas dos brancos e como forma de consideração e respeito a aqueles que os ajudavam, acabavam por não participarem realmente dos festejos, caso alguém da Abissínia se fizesse presente estaria faltando com consideração e fragilizando os laços de compadrio existente.

---

<sup>5</sup> Quando utilizam o termo “pessoal moreno” referem-se aos negros da comunidade.

Como podemos perceber, conforme estudou Marcel Mauss (2003), a reciprocidade é significativa para compreendermos o exercício de sociabilidade do povo da comunidade da Abissínia, sendo importante destacar que constatamos, assim com o pioneiro, que não são indivíduos, mas são coletividades que se obrigam mutuamente.

## **6 CARNAVAL COMO UM ESPAÇO DE RESISTÊNCIA AO PRECONCEITO RACIAL**

Após a reflexão em torno da história da escravidão estabelecida no estado da Paraíba, tonou-se possível compreender como se deram as relações entre negros e brancos pós abolição na Fazenda de Santa Rosa, atual Município de Boa Vista–PB.

Ao realizar entrevistas com os moradores da comunidade, pudemos perceber que todos mencionaram o carnaval como um espaço de socialização dos negros que habitavam esta comunidade. No entanto, com as entrevistas foi possível discutir outros aspectos como o surgimento da comunidade, a formação e o preconceito sofrido por seus habitantes.

Data-se então do início do século XVIII, o surgimento, povoamento e expansão desta comunidade, inicialmente precário, formado apenas de casas de taipa e telha, afastada da vila de Boa Vista. Atualmente é formada por diversas ruas calçadas, casas de alvenaria e foi abraçada pela cidade devido ao avanço da mesma.

De acordo com as entrevistas a Comunidade da Abissínia era composta inicialmente por apenas cinco casas: a de Maria Madalena, Antônia de mestre Antônio, Antônia de São Bento e duas pertencentes a Luís sapateiro, sendo as duas primeiras ex-escravas cearenses. Estas casas se situavam por trás da igreja por isso a comunidade também era conhecida como rua de traz ou rua dos negros, e a rua da igreja conhecida por rua dos brancos, o preconceito racial deu início a uma dicotomia entre brancos e negros.

Segundo dona Maria da Conceição esta comunidade só começou a crescer com a chegada do sertanejo Manuel Relâmpago que se casa com uma das filhas de Antônia de São Bento, Maria Eugênia e juntos tiveram doze filhos, aumentando assim a população e a quantidade de casas nessa região.

Juntamente com a quantidade de casas, aumenta também o preconceito, visto que a vila de Boa Vista era uma sociedade elitizada composta por pessoas brancas, imbuídas de uma visão discriminatória presente na elite brasileira no início do século XIX.

A partir das entrevistas realizadas na comunidade da Abissínia, constatamos que há um enraizamento do preconceito desde a nomenclatura da comunidade, tendo em vista que a mesma não foi escolhida por seus moradores, mas sim de autoria do sargento Clodoaldo de Góis (sargento Codó). Batizou de Abissínia a então Rua dos Negros, vale salientar que o termo refere-se a parte territorial africana onde hoje se encontra a Etiópia, inicialmente a terminologia não foi bem aceita pelos moradores da comunidade por acreditarem se tratar de um deboche, tanto foi repetida que acabou sendo aceita.

Como uma forma de enfrentar estas diferenças os negros da Abissínia viam no carnaval uma chance de se divertirem, mesmo diante do preconceito sofrido por parte dos brancos. Em 1942 se deu a formação de uma palhoça localizada na lateral da casa de Rita a fim de sediar os festejos da comunidade.

*Olhe aqui, isto é o resto do que sobrou da nossa palhoça, ela foi feita por minha mãe do lado da casa da prima Rita, ai vivemos excelentes tempos brincávamos se divertíamos, as festas eram animadas ao som da zabumba, triangulo, reco-reco, acho que você não sabe nem o que é isso, e pandeiro. Nos sentíamos importante, pois era uma das únicas datas do ano que podíamos entrar na rua dos brancos (Depoimento de Leonídea Eugênia da Conceição, em 12/02/2012).*

O local no qual aconteciam os festejos, ao invés de ter sido restaurado pelos representantes públicos e tombados como patrimônio histórico municipal, ganhou nada mais do que o descaso dos prefeitos que passaram pela cidade, atualmente está destruído, apenas algumas paredes em pé e o teto arriado, com lágrimas nos olhos dona Leonídea mostra o que restou do salão.

O carnaval sem dúvida é um espaço de sociabilidade dos negros que habitavam esta localidade, mesmo antes de terem sede própria, saíam em forma de bloco pelas ruas da cidade se divertido com lança perfumes e jogando serpentinas, confetes. Se apresentavam na rua dos brancos e alguns retribuía dando algum dinheiro que era revertido para gratificar aos músicos no fim do período.

Muitos dos brancos ficavam revoltados pelo simples fato dos negros possuírem um espaço para festejarem seu carnaval e eles não, por isso reivindicaram, e no ano de 1963, atendendo a uma solicitação da comunidade branca, o então prefeito campinense Severino Cabral construiu o Boavistense Clube, a fim de sediar eventos realizados pela elite municipal.

Uma constatação da discriminação para com os negros, podemos perceber através da exigência que fizeram ao prefeito para a construção de um clube como espaço restrito à elite branca, e era totalmente proibida a entrada de negros naquele recinto, a relação de respeito e alteridade era praticamente inexistente na sociedade boavistense.

Outra constatação da discriminação, podemos observar, como ocorreu por ocasião ainda de uma festa de carnaval. Ao retornar a Abissínia, depois de um desfile na rua dos brancos, o bloco carnavalesco “Treze de Maio” adentrou o Boavistense Clube, que se preparava para uma matinê. Neste ensejo, alguém se dirigiu ao serviço de som, pedindo-lhe que se retirassem daquele recinto, de maneira nada educada. Dona Domerina uma das líderes do bloco disse que nunca foi tão humilhada em sua vida como podemos perceber em seu depoimento:

*Eu não gosto nem de me lembrar deste dia, nunca fui tão humilhada, me senti como um cachorro, estávamos apenas brincando passamos no Boavistense Clube apenas porque as portas estas estavam abertas não íamos demorar, mas logo quando eles viram nós entrando pegaram o microfone e nos esculhambando mandaram a gente sair pois ali não era lugar de negro e saímos com o rabo entre as pernas decepcionados (Depoimento de Domerina Eugênia da Conceição, em 12/02/2012).*

O preconceito era explícito na sociedade boavistense onde os brancos por se sentirem superiores não queriam se misturar com os negros alegando que eles eram inferiores. Como podemos perceber no depoimento de dona Jacy Fernandes:

*Meu pai era um dos homens importantes da cidade e nunca nos deixou misturar com os negros ficava admirada olhando os festejos carnavalescos deles, mas nunca pude participar, pois meu pai dizia que não podia me misturar com os negros da bicina e que eu tinha que brincar no bloco dos brancos no boavistense clube se quisesse brincar carnaval (Depoimento de Jaci Fernandes Pereira, em 20/03/2012).*

Com base no depoimento acima, podemos perceber que a privação da sociabilidade era bilateral, tendo em vista que se trata do depoimento de uma senhora branca que desejava socializar-se com os negros e era impedida.

Com o passar do tempo, o preconceito permaneceu, mas, os homens brancos começaram a participar dos festejos carnavalescos oferecidos pelos negros na sede do grupo na Comunidade da Abssínia. No entanto, faziam algumas exigências: quando eles fossem dançar os negros teriam que sair do salão de dança.

Os negros não se conformando com esta situação procuravam formas de resistir dentre elas podemos destacar: alfinetavam os brancos, derrubavam bebidas para que eles pudessem se escorregar e chamavam os brancos de amarelo podre.

Estas formas brechtianas de luta de classes têm certos traços em comum. Elas requerem pouca ou nenhuma coordenação ou planejamento; elas sempre representam uma forma de autoajuda individual e, geralmente, evitam qualquer confrontação direta, simbólica com autoridade ou com normas da elite. Entender estas formas de resistência comum é entender quanto os camponeses fazem “entre revoltas” para defender seus interesses da melhor forma possível (SCOTT, 1985, p. 29).

De acordo com James Scott (1985), estas são formas cotidianas de resistência que são particularmente importantes, frente aos obstáculos para uma ação coletiva e organizada. Para aqueles em desvantagem estrutural e sujeitos à repressão, tais formas revelar-se-iam como a única opção disponível. Segundo Scott a resistência requer uma contraideologia, uma antihegemonia inventadas para criar um sistema de defesa que assegure a sobrevivência das identidades e dignidade dos oprimidos.

Em relatos foi citado que até mesmo as crianças eram vítimas de insultos, os meninos brancos chamavam os meninos negros de ‘nêgo da bicina’ que retribuindo a ofensa, revidavam chamando-os de ‘amarelos podres’. Neste aspecto, os negros da comunidade da Abissínia receberam durante toda a sua história a discriminação por parte dos brancos, e como forma resistência, acabavam por praticar atos semelhantes. Nesta situação podemos perceber um ato de resistência ao preconceito sofrido.

Até mesmo no âmbito escolar havia a segregação, as crianças da comunidade estudavam na Escola Municipal Paulo VI e os meninos brancos, em sua maioria, no Grupo Escolar Teodósio de Oliveira Lêdo, mesmo sendo ambas oferecidas gratuitamente pelo governo, a segunda contava com uma melhor equipe de professores e uma estrutura física bem superior se comparada a primeira.

Durante quase todo o século XX era essa a realidade dos negros da Comunidade da Abissínia, constante preconceito. Apenas nos anos de 1980 quase 100 anos após a abolição da escravatura que os negros começaram a ter acesso às festas realizadas pelos brancos, inclusive

no Boavistense Clube. Foi neste mesmo ano que o prefeito de Campina Grande, uma vez que Boa Vista ainda não tinha conseguido sua emancipação política, mandou substituir a maior parte das casas de taipa da Comunidade da Abissínia por casas de alvenaria.

Somente recentemente depois de um século de preconceito e reclusão que os negros começam a frequentar, sem restrições, os mesmos lugares que os brancos.

Podemos observar é que até nos dias atuais existem preconceitos contra os moradores da Comunidade da Abissínia, no entanto este diminuiu consideravelmente ao longo do tempo.

A comunidade hoje é composta de pessoas brancas e negras, porém o que se observa é que a maioria dos habitantes vive ainda em situação de pobreza, e nenhuma pessoa de destaque econômico reside naquela antiga comunidade atual bairro da Abissínia.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao estudar comunidades onde existem remanescentes escravos defrontamo-nos com uma multiplicidade de formas de preconceito. Desta forma, estudar a Comunidade da Abissínia é analisar a história de um povo sofrido, discriminado e, muitas vezes, excluído socialmente. Um fato que nos chamou a atenção foi a proibição aos negros no tocante a frequentar locais públicos como, por exemplo, clubes em plena década de 80 do século XX.

Dessa forma buscamos a partir da memória dos habitantes da Comunidade da Abissínia localizada no município de Boa Vista – PB, resgatar a história deste povoado, recuperando as expressões de sociabilidade exercida no cotidiano dos escravos sempre analisando as resistências cotidianas utilizadas pelos negros para sobreviverem em uma sociedade branca e racista.

Um dos fatos primordiais da nossa pesquisa foi analisar e ver que uma mudança foi fundamental em relação ao projeto inicial na qual afirmávamos que o nome Abissínia tinha sido designado pelos próprios moradores, a partir da pesquisa bibliográfica e das entrevistas descobrimos que este nome foi dado por pessoas de fora da comunidade e que não foi bem aceito pelos moradores daquela localidade.

Um depoimento fundamental também foi o de uma senhora branca na qual a mesma afirma que seu pai não a deixava brincar o carnaval junta com os negros da Abissínia, mostrando assim a discriminação tão presente na localidade. Este preconceito aumentava mais

ainda no carnaval onde os brancos podiam brincar na Abissínia, porém os negros eram impedidos de entrarem no Boavistense Clube local onde se realizava o carnaval dos brancos.

Este estudo veio mostrar um pouco da Comunidade da Abissínia, abordando questões como sociabilidade, preconceito, carnaval, cultura e um pouco da economia, mas muito ainda falta ser estudado seja por falta de tempo, ou por falta de depoimentos.

Um dos maiores obstáculos enfrentados por nós ao longo da pesquisa foi o fato das pessoas remeterem a Comunidade da Abissínia principalmente ao carnaval, muitas vezes tentávamos perguntar sobre a economia, mas, esta, sempre era encoberta pelo carnaval, o preconceito foi falado a partir das festas carnavalescas e a atualidade a partir do preconceito.

Com o passar do tempo, a distância geográfica que separava as duas comunidades por décadas, acabou sendo vencida. Apesar da aproximação física, a Abissínia continua distante do resto da cidade em outros aspectos. O preconceito racial perdura tal qual antes e a situação econômica dos moradores não é das melhores.

Somente recentemente, depois de um século de preconceitos e reclusão, os negros começam a frequentar os mesmos lugares que os brancos. Na atualidade ainda podemos observar o preconceito existente contra os moradores da Comunidade da Abissínia, no entanto este diminuiu consideravelmente ao longo do tempo.

Apesar de não se ter posto fim nas desigualdades raciais, pudemos constatar que as formas de resistência criadas pela comunidade negra, contribuíram para aproximar os negros favorecendo assim a sua sobrevivência enquanto grupo. Diante disto, diferentemente do que se vem sendo construído acerca da história da escravidão no município de Boa Vista, os escravizados não eram seres passivos e inertes, mas resistiam na medida e da forma que podiam.

## **ABSTRACT**

This work is the result of the scientific initiation research entitled “The Exercise of the Slaves” Sociability in the Abissínia Community From its Descendant’s Memory”. This community is still composed by slaves, in Boa Vista – PB. The objective of this research is to analyse how prejudice and discrimination against the African descendant people of that community happened and their ways of resistance. The procedure of the research was developed from the qualitative perspective, in which there were analysed through interviews and also through the memory’s rescue, the ways of sociabilities, trying to understand how the former residents lived and faced those relations. The interviews allowed us to make a historical review of the community’s process of formation and also allowed us to identify the prejudices that the inhabitants of that community faced. Considering this issue, having the

social relations, whether of domination or resistance, as centrality, it was used a theoretical background located in the Sociology and History field. It is known that History was considered during a long period as elitist, leaving in the margin of its studies the ethnic-racial minorities. However, our results allow us to emphasize the recognition that enslaved men and women are subject of the protagonists history, because even facing the violence of the context of domination in which they were, they were not passive, developing a survival logic, translating it in ways of sociabilities and various actions of resistance and reciprocity taken in the daily life.

**Key-Words:** Memory. Domination. Everyday Resistance. Reciprocity.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Sérgio. **Os Descaminhos da Tolerância:** o Afro-brasileiro e o Princípio da Igualdade e da Isonomia no Direito Constitucional. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 1999.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala.** 21. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1981.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos:** a continuidade da Casa Grande & Senzala. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GALLIZA, Diana Soares de. **O declínio da escravidão na Paraíba 1850-1888.** João Pessoa: Editora da UFPB, 1979.

GODOI, Emília Pietrafesa. **O trabalho da memória:** cotidiano e história no sertão do Piauí. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

GONÇALVES, Regina Célia. A história e o oceano da memória: algumas reflexões. **Revista Saeculum UFPB**, n. 4/5, p. 13-39, 1999.

GONÇALVES, Rita de Cássia. LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Revista Katál**, Florianópolis, v. 10, n. esp. p. 83-92, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

MARTINS, Paulo Henrique. CAMPOS, Roberta Bivar C. **Polifonia do dom.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: Cosac Naif, 2003.

MEDEIROS, Maria do Céu; SÁ, Ariane Norma M. **O trabalho na Paraíba:** das origens á transição para o trabalho livre. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1999.

MENEZES, Marilda Aparecida de. O cotidiano camponês e a sua importância enquanto resistência a dominação: a contribuição de James Scott. **Raízes**, Revista de Ciências Sociais e Econômicas, v. 21, n. 1, jan./jun. 2002.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, 2º sem. 1996.

ROCHA, Solange Pereira da. **Gente negra da Paraíba oitocentista**: população, família e parentesco espiritual. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

SCOTT, James. **Weapons of the weak**: everyday forms of peasant resistance. New Haven/London: Yale University Press, 1985.

SOARES, Francisco de Assis Ouriques. **Bôa Vista de Santa Rosa**. Campina Grande: Epgraf. 2003.